



Emicida compara hip-hop a “telefone” da diáspora africana pelo mundo

O músico Emicida regressa hoje ao Brasil após realizar uma residência artística de três meses a convite do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC)

●●● O músico brasileiro Emicida defende que o hip-hop é como “um grande telefone da diáspora africana pelo mundo”, permitindo restabelecer a sua ligação àquele continente.

Emicida regressa hoje ao Brasil após realizar uma residência artística de três meses em Portugal, entre Lisboa, Coimbra e Porto, a convite do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC). Esta foi iniciada a 25 de julho.

O rapper, cantor, letrista e compositor brasileiro chegou no hip-hop – foi o género onde se assumiu como artista, mas também onde ganhou consciência política e social.

Realçou que esta manifestação cultural não foi criada nos anos 1970 nos bairros pobres de Nova Iorque, nos Estados Unidos, mas antes “nomeada” lá, porque, na sua perspetiva, “já acontecia numa série de outras sociedades”.

“O rap e a cultura hip-hop é como se fossem um grande telefone da diáspora africana pelo mundo, que vai restabelecendo a sua conexão com o continente mãe da humanidade”, frisou.

Para o artista, “essas culturas foram desassociadas, destróadas, mas resistiram de uma maneira magnífica e produziram resistências e essa resis-



Leandro Roque de Oliveira, conhecido na sua arte como Emicida, é rapper, cantor, letrista e compositor brasileiro, natural do Estado de São Paulo

- 1 O seu mais recente álbum é “AmarElo” lançado em 2019
- 2 Em 2020 lançou o documentário homónimo na Netflix pelo qual expande o disco e se foca na homenagem a personalidades negras da história brasileira

tência floresceu no formato de culturas como o hip-hop e o rap”.

Leandro Roque de Oliveira, nome de Emicida, nasceu pobre em São Paulo e a consciência que foi desenvolvendo deve-a toda, inicialmente, à sua relação com a música – “a primeira biblioteca a que tive acesso”.

“Os livros vão transformar-se em bússolas de referência intelectual, porque os artistas, sobretudo no rap, falam em nomes de pessoas que eu não

fazia a menor ideia e antes de conhecer essa música eu era levado a acreditar que todos os problemas que me cercavam eram questões pessoais – um problema pessoal de Deus para comigo. A primeira vez que sou tocado por uma reflexão mais ampla é graça à música rap”, disse.

Quanto mais foi mergulhando nessa cultura e nesse universo, mais a sua consciência se foi “expandindo, até para lá de questões” que lhe tocavam “do ponto de vista prioritário”, refere.

“Não me interessa discutir somente raça. Há classe, há género e essas coisas não devem ser questões desassociadas. Eu nunca tinha elaborado sobre isso, mas elaborei graças às músicas”, afirma.

O artista explica que aceitou o convite do CES porque acredita que o mundo académico e a cultura popular devem partilhar aprendizagens “para melhorar o ambiente de ambos”.

“Eu acho que a academia pode aprender muito com a fluidez e sensibilidade da cultura popular, assim como a cultura popular pode aprender muito com a sistematização de conhecimento de formas do mundo académico”, disse o músico que admite gostar do ambiente da academia – “da reflexão pela reflexão”.